



ELEMENTOS CULTURAIS E SABERES TRADICIONAIS DO BATE-FLECHA: COMUNIDADE QUILOMBOLA CÓRREGO DO SOSSEGO, GUAÇUÍ/ES

ELEMENTOS CULTURALES Y CONOCIMIENTOS TRADICIONALES DE BATE-FLECHA: COMUNIDAD QUILOMBOLA CÓRREGO DO SOSSEGO, GUAÇUÍ / ES

Luciana Cruz Carneiro¹

RESUMO

Este artigo tem por finalidade uma análise descritiva acerca da dimensão plástica e os elementos simbólicos que compõe o Bate-Flecha e sua relação com a Casa de Oração Nossa Senhora da Guia, da Comunidade Quilombola Córrego do Sossego, Guaçuí/ES. O trabalho está sendo desenvolvido com base nas discussões sobre o conceito ampliado de patrimônio imaterial que engloba saberes tradicionais transmitidos através de gerações, e no trabalho de campo ainda em andamento com a comunidade. A discussão contribui com as reflexões teórico-práticas dos processos poéticos e culturais, assim como por colaborar com a visibilidade das tradições e saberes preservados e recriados pelos povos de origem afro-brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE

Estética; Bate-Flecha; Saberes tradicionais; Cultura afro-brasileira.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo un análisis descriptivo sobre la dimensión plástica y los elementos simbólicos que componen la Bate-Flecha y su relación con la Casa de Oración Nossa Senhora da Guia, de la Comunidad Quilombola Córrego do Sossego, Guaçuí / ES. El trabajo se está desarrollando sobre la base del debate sobre el concepto ampliado del patrimonio inmaterial que abarca el conocimiento tradicional transmitido de generación en generación y sobre el trabajo de campo continuo con la comunidad. La discusión contribuye a las reflexiones teóricas y prácticas de los procesos poéticos y culturales, así como a la visibilidad de las tradiciones y el conocimiento preservado y recreado por los pueblos de origen afrobrasileño.

PALABRAS CLAVE

Aesthetics; Bate-Flecha; Conocimiento tradicional; Cultura afrobrasileña.

Em um mundo exuberante de movimentos e formas, composto por homens, mulheres e crianças, se apresenta o Bate-Flecha. Através de um conjunto de atividades que envolvem a

¹ Luciana Cruz Carneiro é graduada em Artes Plásticas, e aluna regular do curso de Pós-graduação em Artes - PPGA/CAR pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisadora no Projeto Africanidades Transatlânticas: culturas, histórias e memórias afro-brasileiras a partir do Espírito Santo (UFES/FAPES/SECULT). Colaboradora no Programa de Extensão Jongos e Caxambus : memórias de mestres e patrimônio cultural afro-brasileiro no ES – Proex/UFES. Contato: luhccarneiro@gmail.com.



dança, canto, musicalidade, e o contexto religioso o qual surgiu, em uma tradição que se perpetua há muitas gerações no Córrego do Sossego, gerada dentro do campo religioso de uma Casa de Oração onde sua prática é devocional se dá ao santo São Sebastião.

O Bate-Flecha pode ser visto principalmente na Região Sul do Espírito Santo; em suas apresentações podemos observar diversas formas de expressões que geram uma rica dimensão estética, nele os integrantes batem as flechas (representadas por um bastão de madeira) sozinhos ou em duplas; os padrões da dança variam de acordo com o ritmo da música e do ponto cantado, sempre de forma compassada, o movimento dos participantes é realizado em linha reta ou em roda, são geralmente acompanhados pela Banda Lira da Casa de Oração (GOLTARA, 2014, p.66).

São vistos especialmente nos encontros que reúnem grupos de pessoas que se deslocam de uma Casa de Oração à outra com intuito de manterem ligadas às “correntes de orações” entre si, esses grupos são conhecidos como Jornadas (GOLTARA, 2014). Contudo, há algum tempo as apresentações desta prática podem ser vistas “separado” do contexto religioso como apresentações culturais, numa ressignificação que acompanham as transformações sociais em busca de uma rearticulação das identidades. Considerando que a Identidade é uma construção social e dinâmica, nos discursos do patrimônio cultural Gonçalves (2005, p.19) sugere que “cada nação, grupo, família, enfim cada instituição construiria no presente o seu patrimônio, como propósito de articular e expressar sua identidade e sua memória”.

MEMÓRIAS E LUGARES²

O Bate-Flecha na Comunidade Quilombola do Córrego do Sossego surge juntamente a construção da Casa de Oração Nossa Senhora da Guia construída pela família de Marciano Oliveira, herdeiro das terras e da Casa de Oração, da qual também é Presidente, função assumida após a morte de sua mãe Marcolina Dias de Oliveira. O território da comunidade

² As questões aqui discutidas resultam de pesquisas iniciais sobre a prática do Bate-Flecha na Comunidade Quilombola Córrego do Sossego, Guaçuí/ES. O trabalho está sendo desenvolvido a cerca de seis meses junto a família do Sr. Marciano Oliveira, e faz parte do projeto de pesquisa que deverá ser apresentado como dissertação para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes - PPGA/UFES. O trabalho de campo está apenas no início, deverão ser feitas entrevistas com moradores mais velhos da comunidade, e outros detentores dos saberes tradicionais existentes neste território, assim como levantamentos bibliográficos para melhor compreensão do tema.



fica localizado em uma antiga fazenda escravista, no Distrito de São Tiago, Guaçuí/ES, onde os avós paternos de Sr. Marciano, foram escravizados. Américo Isaque Correia e Eufrásia Maria Cristina, herdaram após a abolição da escravatura (1888) o equivalente à três alqueires de terra do proprietário, e ali constituíram sua família.

As narrativas de Sr. Marciano, que é quem nos ajuda junto a família a contar um pouco da história da comunidade e do Bate-Flecha são construídas a partir da memória familiar, que como segundo Thompson (1993, p.12) “recua” até os avós. Em entrevista cedida em 30 de abril de 2019, ele narra que a construção da Casa de Oração se deu por conta dos conselhos de um homem que segundo ele sabia das coisas; esse senhor conhecido como Antônio Francisco, foi procurado para descobrir os motivos pelo qual as pessoas estavam desfalecendo durante os bailes realizados na comunidade; Antônio Francisco tendo identificado o motivo sugeriu em seguida que ali fossem realizadas orações espíritas e que não houvessem mais bailes no local; como vemos nas lembranças de Sr. Marciano das falas de seu pai Sebastião Eufrásio de Oliveira.

meu pai contava que eles dançavam todo sábado...todo sábado eles faziam baile ali, era aquela farra...bebendo...aí diz ele que pegou, uns dias quando eles estava tudo...fizeram um baile, aí ficou tudo aquelas mulher começou a cair dando desmaio, sem ninguém saber porque motivo que era. Eles num mexia com esse negócio de oração, era só farra. Aí diz ele que quando desceu, que tinha homem aqui pro lado do Norte, um tal de Antônio Joaquim que rezava, fazia oração, ele sabia assim das coisas, sabe?! Se tivesse uma pessoa desmaiada ele olhava e sabia o quê que a pessoa tinha, se era espírito, o que que era. Aí chamaram esse homem pra vim fazer oração aqui pra ver o que que era. Aí o homem falou com eles, falou: Olha isso daqui vocês não pode fazer baile, vocês tem que fazer uma oração espírita, mas uma coisa que seja em nome de Deus. Vocês não podem mexer com negócio de baile aqui mais não (OLIVEIRA, Marciano. Entrevista realizada em 30/04/2019).

À Casa de Oração foi então construída às margens de uma cachoeira conhecida hoje na região como “Cachoeira do Carlito”, a poucos metros da casa onde hoje reside Sr. Marciano, tem cerca de 100 (cem) anos de existência. É desse período também o surgimento do Bate-Flecha na localidade, segundo Sr. Marciano:

[...] aí eles pegaram, diz que eles tinha uma...assim fazia uma banda de música de gomo taquara, aquela turma de crioulo tocando naqueles canudos de bambu e dançando...na época ele num tinha, eles fizeram de bambu. Aí pegou eles mudificaram, invês de tocar pra dançar, já foi pro



Bate-Flecha, aí mudou pro Bate-Flecha (OLIVEIRA, Marciano. Entrevista realizada em 30/04/2019).

Sobre os canudos de bambu mencionados acima, Sr. Marciano se refere aos instrumentos de sopro usados pelos “crioulos” na banda, a princípio segundo ele, eram feitos de bambus, depois passou a ser confeccionado de forma manual com ferro fundido, e só mais recente foram comprados no mercado. Alguns dos instrumentos de sopro feitos de ferro foram preservados e ficam guardados em uma sala próxima a Casa de oração.

As casas de oração e Centros Espíritas, assim como à prática do Bate-Flecha³ são comuns na Região do Caparaó (local de muitas belezas naturais como: matas, cachoeiras, córregos, rios... A região é formada por dez municípios que ficam no entorno do Parque Nacional do Caparaó: Alegre, Divino de São Lourenço, Dolores do Rio Preto, Guaçuí, Ibatiba, Ibitirama, Iúna, Irupi, Jerônimo Monteiro e São José do Calçado). As casas de Oração dessa região formam entre si uma corrente de oração, firmadas e fortalecidas através de visitas.



Figura 1 - Luciana Carneiro. Casa de Oração Nossa Senhora da Guia. Córregodo Sossego, Guaçuí/ES. 13 de maio de 2019.

³ Uma discussão aprofundada sobre o contexto religioso das Casas de Oração, Centro Espírita e Bate-Flecha existentes na Região Sul do Espírito Santo foi abordada pelo antropólogo Diogo Bonadiman Goltara, não pretendendo portanto, o aprofundamento neste artigo dessas questões. Os trabalhos estão citados nas referências ao final do artigo.



Uma data é especial da apresentação do Bate-Flecha para a Comunidade do Córrego do Sossego, o 13 de maio, dia em que se é comemorado à libertação dos negros. Observemos na figura 1 a simbologia que remete a abolição da escravatura, a imagem foi registrada durante festividade de 13 de maio, dentro da Casa de Oração. Notemos também as cores objetos que compõem o lugar.

À comunidade tradicionalmente recebe desde a construção da Casa de Oração, diversas caravanas e jornadas em festividade que duram dois dias oficiais, sem contar o tempo de preparação. Independente do dia da semana o ponto alto da festividade é sempre no dia 13, em torno do meio dia, conforme informado por Maria Helena de Oliveira Barbosa, conhecida por todos como Dona Lena, filha e braço direito de Sr. Marciano, e que na Casa de Oração recebe à função de Delegada, tendo à missão de manter à boa relação entre todos.

Todos os anos a família de Sr. Marciano é a responsável pela organização e receptividade da festa que este ano reuniu cerca de quatrocentas pessoas. Sua esposa Maria Aparecida de Oliveira e suas filhas Maria Helena, e Cleonice de Oliveira, além dos netos e bisneto ajudam na decoração, alimentação e receptividade dos visitantes. Segundo Thompson (1998), à participação da família e seu papel na transmissão cultural entre as gerações é fundamental, pois geram experiências condensadas.

O papel da família na transmissão cultural intergeracional é igualmente antigo. E, apesar da importância de outros canais, em particular o grupo de amigos, assim como de instituições mais especializadas, como à oficina, à escola, e à igreja, o papel da família continua bastante grande. ele inclui não somente à transmissão de memória familiar - à qual os praticantes da história oral devotam especial atenção -, mas também da linguagem (“à língua mãe”), do nome, do território e da moradia, da posição social e da religião e, mais além ainda, dos valores e aspirações sociais, visões de mundo, habilidades domésticas, modos de comportamento, modelos de parentescos e casamento [...] (THOMPSON, 1993, p.9).

Ainda segundo o autor, “as tradições fortes mantêm as pessoas onde estão” (THOMPSON, 1993, p.11), o que acontece no caso do núcleo familiar do Sr. Marciano, onde 90% constitui moradia dentro do território herdado, mantendo à tradição como no caso da religião, agricultura, Bate-Flecha e outros modos de se fazer.



Conforme a tradição, parte do território que vai da casa de Dona Lena, situada à 4 km da entrada da comunidade, é todo ornamentado por bandeiras coloridas feitas de papel, que se estende por todo trajeto até a Casa de Oração. O lugar é marcado por locais de memória como à antiga senzala, onde não há mais resquícios de construção, porém segundo narrativas de Dona Lena, sua mãe Maria Aparecida retirou diversos objetos do lugar, mas por não ter o hábito de guardar, desfez-se do material.

Além da senzala há também relatos de um cemitério antigo não mais utilizado, e não demarcado. Há ainda relatos de que o lugar seria onde foi dada à liberdade aos escravizados, em frente a ela há um ponto demarcador, onde foi construído o cruzeiro das almas. No total, existem quatro cruzeiros no território: o cruzeiro das almas de cor azul, que tem sua localização em frente a antiga senzala e o cemitério; cruzeiro de São Sebastião na cor vermelha que fica mais próximo à casa de Sr. marciano (a poucos metros da Casa de Oração); cruzeiro de São Jorge na cor branca, na frente da Casa de Oração; cruzeiro de santa Terezinha na cor azul, na lateral direita; e o cruzeiro do Vovô Benedito de cor branca localizado na parte de trás. Todo o ritual acontece em torno dos cruzeiros, que por sua vez também recebem adornos.

ELEMENTOS SIMBÓLICOS E SUJEITO

À festa tem início no dia anterior, no 12 de maio às 06 h da manhã, podendo ocorrer em outro horário caso caia durante a semana, durante todo dia são recebidos jornadas e caravanas vindas de diversas cidades, para juntos em agradecimento rezarem pela graça da libertação. Intervalos são feitos para as refeições, que assim como à recepção e as rezas, são de muita importância no processo. Uma fogueira é ascendida a meia-noite entre a casa de Sr Marciano e à Casa de Oração, em seguida mais uma procissão é realizada. As caravanas e Jornadas circulam em volta de que cada dos cruzeiros, com exceção dos das Almas, esse só participa da procissão no dia 13, auge na festa.

No dia seguinte em torno de meio dia, todos os presentes seguem em procissão que tem sua saída da Casa de Oração. À frente, segue D. Lena que toca uma sineta chamando a todos para que se conectem ao ritual, esta é única vez durante a festividade em que à imagem de Nossa Senhora da Guia é retirada de dentro da Casa e segue na procissão. Logo



atrás, estão os mais anciãos; seguidos pela imagem que é carregada por mulheres; à banda Lira; Bate-Flecha; seguido pelos demais participantes. Diversas pessoas carregam consigo bandeiras com nome de seus santos de devoção. Cada Casa de Oração presente possui um tipo de vestimenta, onde as mulheres sempre vestem saias longas e blusas com mangas curtas, e os homens calças e blusas de mangas curtas, eles se distinguem pelas cores, uns se vestem de branco, outros de rosa, outros de azul e branco, como vemos da figura 2 a seguir.



Figura 2 - Luciana Carneiro. Procissão, Festa 13 de Maio, córrego do Sossego. Guaçuí/ES. 13 de maio de 2019.

Todo esse universo se mistura à natureza, as cores distribuídas pelas bandeiras, compondo um universo plástico que envolve, técnica, estética e religiosidade. Ao escrever sobre análise da dimensão estritamente estética dos elementos simbólicos das festas populares, Gonçalves diz que à única forma de fazê-lo sem levar em consideração o universo mágico-religioso, é se apropriando por meio de um trabalho fotográfico ou deslocando todo esse conjunto de atividades para o palco de um teatro, mas que dessa forma perderíamos o espírito que move todo esse conjunto (2008. p,69). Desta forma, considero aqui estética, todo conjunto



simbólico que envolve o contexto em que o Bate-Flecha se apresenta, suas linguagens e formas de expressões, o ambiente com o qual se relaciona, etc.

Todo o percurso é acompanhado por músicas, orações, e expressões intensas de agradecimentos, manifestadas também através de constantes fogos de artifícios, um conjunto emocionante de notável beleza. O auge da procissão se dá no cruzeiro das almas, onde é realizado uma pausa para que se possam ascender velas e fazerem suas rezas. O mesmo percurso é feito de volta a Casa de Oração, como pode ser visto na figura 3 abaixo.



Figura 3 - Luciana Carneiro. Procissão 13 de Maio com Bate-Flecha, Córrego do Sossego, Guaçuí/ES. 13 de maio de 2019.

As práticas culturais afro-brasileiras são extremamente ricas e diversificadas, tanto em sua plasticidade, quanto em suas linguagens: dança, canto e expressão corporal inseridas na maioria de seus contextos e que fazem parte da cultura e sua identidade deste povo. Portanto, pesquisas de cunho artístico-culturais fazem-se necessário em função de assegurar à preservação da história de vida, e as projeções do imaginário que constroem e legitimam essas práticas.

Referência

FONSECA, Maria Cecília Londres. "Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural". In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2ª ed. Rio de Janeiro (RJ). 2019. p 59-79.



GOLTARA, Diogo Bonadiman. "**Dá um S na corrente**": A rede esotérico-umbandista às margens do Rio Itapemirim. Tese Doutorado em Antropologia Social. Universidade de Brasília, UnB, Brasil. Ano de obtenção: 2014.

GOLTARA, Diogo Bonadiman. Ligando a corrente: Ensaio sobre a relação entre espiritualidade e socialidade nas irmandades religiosas de matriz africana no Vale do Itapemirim. In: **Relig. soc.**, Jun 2016, vol.36, no.1, p.34-55. ISSN 0100-8587

GOLTARA, Diogo Bonadiman. '**Dá um S na corrente**': a rede esotérico-umbandista às margens do Rio Itapemirim. 2014. 249 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: **Horiz. antropol.** [online]. 2005, vol.11, n.23, pp.15-36. ISSN 0104-7183.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. CONTINS, Márcia. Entre o Divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. In: **Horiz. antropol.** vol.14 no.29 Porto Alegre Jan./June 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

THOMPSON, Paul. A Transmissão Cultural Entre Gerações Dentro das Famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida. . In: DINIZ, Eli; LOPES, J. S. Luiz; PRANDI, Reginaldo (org.). **Ciências Sociais hoje**. São Paulo: ANPOCS/HUCITEC, 1993. p. 9-20.

IPHAN. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial**. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em 11 de outubro de 2018.

IPHAN. **Decreto 3.551/2000**, de 04 de agosto de 2000 http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Decreto%20n%C2%BA%203_551%20de%2004%20de%20agosto%20de%202000.pdf. Acesso em 11 de outubro de 2018.